

A machosfera como ecossistema discursivo: ressentimento, antifeminismo e masculinidades reativas no ambiente digital

La manosfera como ecosistema discursivo:
resentimiento, antifeminismo y masculinidades
reactivas en el entorno digital

The Manosphere as a Discursive Ecosystem:
Resentment, Antifeminism, and Reactive
Masculinities in the Digital Environment

JÚLIA SILVEIRA DE ARAÚJO¹

Resumo: O presente artigo discute a machosfera como um ecossistema discursivo, caracterizando suas principais comunidades e os repertórios simbólicos que estruturam sua atuação em ambientes digitais. Para isso, realiza uma revisão bibliográfica sobre grupos como *incels*, *redpill*, MGTOW e PUAs, articulando estudos sobre masculinidades, teorias feministas e cultura digital. Os resultados evidenciam que essas comunidades compartilham narrativas fundamentadas no ressentimento masculino, no antifeminismo e na naturalização das hierarquias de gênero, contribuindo para a legitimação de diferentes formas de violência contra as mulheres.

Palavras-chave: machosfera; masculinidades; misoginia; comunidades digitais.

Resumen: Este artículo analiza la manosfera como un ecosistema discursivo, caracterizando sus principales comunidades y los repertorios simbólicos que estructuran su actuación en los entornos digitales. Para ello, presenta una revisión bibliográfica sobre grupos como *incels*, *redpills*, MGTOW y PUAs, articulando estudios sobre

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Analista em Ciência e Tecnologia, com especialidade em Comunicação, no Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal (INPP), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Email: julia.araujo@inpp.gov.br

masculinidades, teorías feministas y cultura digital. Los resultados muestran que estas comunidades comparten narrativas basadas en el resentimiento masculino, el antifeminismo y la naturalización de las jerarquías de género, contribuyendo a la legitimación de diferentes formas de violencia contra las mujeres.

Palabras clave: manosfera; masculinidades; misoginia; género; discurso.

Abstract: This article discusses the manosphere as a discursive ecosystem, characterizing its main communities and the symbolic repertoires that structure their activities in digital environments. To this end, it presents a literature review on groups such as incels, redpills, MGTOW and PUAs, drawing on studies of masculinities, feminist theory and digital culture. The findings show that these communities share narratives grounded in male resentment, antifeminism and the naturalization of gender hierarchies, contributing to the legitimization of different forms of violence against women.

Keywords: *manosphere*; masculinities; misogyny; digital communities.

Introdução

Dados de uma pesquisa internacional vinculada ao movimento HeForShe, da ONU Mulheres, apontam que a Geração Z constitui o grupo mais exposto à circulação de discursos sexistas na internet. O levantamento também identificou que homens jovens apresentam maior predisposição a reproduzir concepções tradicionais sobre masculinidade e papéis de gênero do que gerações anteriores, sugerindo um recrudescimento de discursos reativos às conquistas feministas. No Brasil, estudo recente da Vara da Infância e da Juventude do Rio de Janeiro revela um aumento de 600% nos casos registrados entre 2019 e 2025, acompanhado do rejuvenescimento dos agressores, cuja faixa etária predominante passou de 16 e 17 anos para 12 e 13 anos.

É nesse contexto que se insere a chamada machosfera, tradução do termo inglês *manosphere*, utilizada para designar um conjunto de comunidades digitais voltadas à produção e circulação de discursos masculinistas e antifeministas. Consolidada ao longo da década de 2010, a expressão passou a designar um ecossistema formado por diferentes grupos que compartilham críticas às transformações nas relações de gênero, ainda que apresentem objetivos, repertórios e formas de atuação distintos. Mais recentemente, esse universo passou a reunir comunidades dedicadas a temas como

masculinidades, autoaperfeiçoamento masculino, relacionamentos, guerra cultural, investimentos e criptomoedas, funcionando como espaços de socialização, construção identitária e difusão de discursos hostis às mulheres e às pautas de diversidade.

Embora suas origens possam ser associadas aos movimentos pelos chamados "direitos dos homens", surgidos nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980, a machosfera contemporânea consolidou-se principalmente nos ambientes digitais. Ao longo desse processo, parte desses grupos passou a adotar uma postura marcadamente reativa às conquistas feministas, organizando-se em torno da defesa da masculinidade tradicional e da percepção de que os homens estariam perdendo espaço e privilégios na sociedade. Em comum, essas comunidades sustentam narrativas baseadas na superioridade masculina, na oposição às pautas feministas e na naturalização de relações hierárquicas entre homens e mulheres.

Não se trata, contudo, de um movimento homogêneo. A machosfera constitui um ecossistema formado por diferentes comunidades, entre elas os *incels* (*involuntary celibates*), os *redpill*, os MGTOW (*Men Going Their Own Way*) e os PUAs (*Pick Up Artists*). Embora apresentem especificidades e repertórios próprios, esses grupos compartilham discursos marcados pelo ressentimento masculino, pelo antifeminismo e pela reação às transformações sociais impulsionadas pelos movimentos feministas e pelas pautas de diversidade. Mais do que espaços de expressão individual, essas comunidades atuam como ambientes de socialização nos quais frustrações pessoais são reorganizadas em narrativas coletivas de perda, injustiça e ameaça, contribuindo para a naturalização de hierarquias de gênero e para a legitimação de diferentes formas de violência.

A produção científica sobre a machosfera e suas diferentes comunidades tem crescido de forma significativa nos últimos anos, reunindo pesquisas oriundas de campos como a Comunicação, a Sociologia, a Antropologia, os Estudos de Gênero, a Ciência Política e a Psicologia. Diante da amplitude e da diversidade dessa literatura, este artigo não pretende realizar um mapeamento exaustivo do campo, mas reunir e discutir contribuições relevantes para compreender a constituição da machosfera como ecossistema discursivo e suas principais formas de organização e circulação de sentidos.

Machosfera, discurso e gênero na cultura digital

A seleção do corpus bibliográfico privilegiou estudos nacionais e internacionais publicados na última década que abordam diretamente a machosfera ou uma de suas principais comunidades, como os *incels*, *redpills*, *MGTOW* e *PUAs*. Também foram incorporadas obras de referência identificadas ao longo da pesquisa e trabalhos sugeridos pela literatura especializada, buscando contemplar diferentes perspectivas teóricas e contextos de análise. Mais do que produzir um inventário completo da produção científica, interessa identificar categorias recorrentes e compreender como esses estudos caracterizam a machosfera, suas dinâmicas comunicacionais e seus repertórios discursivos.

Os discursos que circulam entre essas comunidades não constituem um fenômeno isolado das dinâmicas sociais, mas atualizam formas históricas de dominação masculina e violência de gênero (Valente *et al.*, 2023). Nesse sentido, a violência online deve ser compreendida como continuidade das desigualdades estruturais existentes fora da internet, sendo potencializada pelas dinâmicas de circulação, visibilidade e engajamento próprias das plataformas digitais. Mais do que espaços de interação, redes sociais, fóruns e plataformas digitais configuram ecossistemas midiáticos nos quais identidades, afetos e relações de poder são continuamente produzidos e negociados.

A partir de uma perspectiva foucaultiana, parte-se da premissa de que o discurso não apenas representa a realidade, mas produz sujeitos, saberes e práticas sociais. Como propõe Foucault (1971; 1979), o poder não opera exclusivamente pela repressão, mas circula em redes, produzindo regimes de verdade e formas específicas de compreender o mundo. Assim, os discursos da machosfera não apenas expressam masculinidades em crise, mas contribuem para constituí-las e reproduzi-las por meio da circulação cotidiana de narrativas sobre gênero, sexualidade e poder.

Essa perspectiva dialoga com a noção de performatividade proposta por Butler (1990), segundo a qual as identidades de gênero são continuamente produzidas e reiteradas por práticas discursivas e sociais. No contexto da machosfera, essa dinâmica manifesta-se na repetição de categorias, jargões, memes e narrativas que naturalizam diferenças entre homens e mulheres e reafirmam posições hierárquicas como se fossem evidências biológicas. Nos ambientes digitais, essa violência simbólica (Bourdieu, 2002) manifesta-se por meio de piadas, memes, ironias, discursos pseudocientíficos e tutoriais de sedução que apresentam desigualdades de gênero como naturais, deslocando

discursos discriminatórios para o âmbito do humor, da opinião ou de uma suposta liberdade de expressão.

No campo dos estudos das masculinidades, Kimmel (2013) interpreta esses movimentos como expressão de uma masculinidade percebida como ameaçada pelas transformações sociais das últimas décadas e pela perda de privilégios historicamente associados aos homens. Essa percepção de deslocamento alimenta discursos de ressentimento e reação que podem ser compreendidos à luz do conceito de *backlash*, formulado por Faludi (1991) para descrever movimentos culturais de resistência às conquistas feministas e de tentativa de restauração das hierarquias tradicionais de gênero.

O termo machosfera, tradução de *manosphere*, do inglês, é atualmente empregada para designar um conjunto heterogêneo de comunidades digitais voltadas à produção e circulação de discursos masculinistas e antifeministas (Ging, 2019; Vilaça; D'andrea, 2021). Embora o termo tenha sido utilizado pela primeira vez em 2009, sua difusão ocorreu a partir da publicação de *Manosphere: A New Hope for Masculinity*, de Ian Ironwood, em 2013 (Vilaça; D'andrea, 2021). Conforme destacam esses autores, as origens desse universo remontam aos movimentos pelos chamados "direitos dos homens", surgidos nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980. Inicialmente, parte desses grupos buscava discutir os impactos das normas de gênero sobre os próprios homens; posteriormente, entretanto, uma parcela passou a adotar uma postura marcadamente reativa às conquistas feministas, organizando-se em torno da defesa da masculinidade tradicional e da ideia de "misandria" (Marwick; Caplan, 2018).

Na contemporaneidade, a machosfera passou a designar um ecossistema composto por diferentes comunidades que discutem masculinidades, relacionamentos, autoaperfeiçoamento masculino, guerra cultural, investimentos e outros temas utilizados como porta de entrada para discursos antifeministas (Team Lewis Foundation, 2025). Mais do que espaços de expressão individual, tais comunidades funcionam como ambientes de socialização nos quais frustrações pessoais são reorganizadas em narrativas coletivas de perda, injustiça e ameaça, contribuindo para a naturalização de hierarquias de gênero e para a legitimação de práticas de violência (Ricard *et al.*, 2026). Em comum, esses grupos sustentam uma visão de mundo baseada na superioridade masculina, na oposição às pautas feministas e na defesa de relações hierárquicas entre homens e mulheres, compreendendo a dominação

masculina como elemento legítimo da organização social (Oliveira; Silva, 2021).

A literatura recente também destaca que tais comunidades operam por meio de uma intensa multimodalidade discursiva, articulando textos, imagens, vídeos, memes, hashtags, sons e demais funcionalidades sociotécnicas das plataformas digitais para produzir e fazer circular sentidos (Matos *et al.*, 2026). Como observam os autores, essas diferentes linguagens atuam conjuntamente na construção de repertórios compartilhados e identidades coletivas, potencializando processos de engajamento e pertencimento.

Longe de constituir um movimento homogêneo, a machosfera reúne comunidades como os *incels* (*involuntary celibates*), os *redpills*, os MGTOW (*Men Going Their Own Way*) e os PUAs (*Pick Up Artists*). Embora possuam especificidades e repertórios próprios, esses grupos compartilham discursos marcados pelo ressentimento masculino, pelo antifeminismo e pela reação às transformações sociais impulsionadas pelos movimentos feministas e pelas pautas de diversidade (Ging, 2019; Nagle, 2017). Espalhadas por fóruns, blogs, subreddits, canais do *YouTube* e outras plataformas digitais, essas comunidades constituem uma rede sociotécnica multiplataforma, na qual diferentes discursos, práticas e estratégias de assédio circulam de forma articulada (Marwick; Caplan, 2018; Vilaça; D'andrea, 2021).

No Brasil, essa dinâmica ganha contornos próprios, adaptando vocabulários internacionais às especificidades culturais, políticas e midiáticas do país. Como analisa Murari (2022), a emergência da machosfera brasileira está diretamente relacionada ao processo de tradução e ressignificação de discursos misóginos estrangeiros, que passam a circular com força no ambiente digital local. Esses enunciados são muitas vezes travestidos de racionalidade, humor ou autopreservação e encontram eco especialmente entre homens jovens, brancos e heterossexuais, que se posicionam como vítimas de um suposto “feminismo radical”.

Conforme Vilaça e d'Andrea (2021, p. 429), “as masculinidades conservadoras ou alpha parecem ser formadas pelos *Men's Rights Activists* (MRAs) e *Pickup Artists* (PUAs ou artistas da sedução), que usam o “game” para conquistar e subjugar suas parceiras sexuais”. Por outro lado, as masculinidades nerds ou betas estão asso-ciadas a grupos mais explicitamente misóginos, como o movimento masculinista americano MGTOW (*Men Going Their Own Way*), que se aproxima de um movimento “separatista”, ao rejeitar qualquer tipo de relação com mulheres que não seja sexual, e que

defende uma greve masculina contra o casamento (“*marriage strike*”). Esses grupos não se confundem com os “*incels*” (celibatários involuntários), que culpam as mulheres pela falta de relações sexuais (Vilaça e d’Andrea, 2021) (Silva; Chachan, 2024, p.259).

Prado (2022) e Cesarino (2021) mostram como esses grupos se conectam com o extremismo político, formando bolhas de sentido que fortalecem o antifeminismo como identidade coletiva e narrativa de guerra cultural. Em todos os casos, a lógica é semelhante: a mulher é vista como provocadora ou manipuladora e o homem como vítima de um sistema supostamente opressor. De acordo com Oliveira e Silva (2021, p.14), esses grupos acreditam que relacionamentos e constituição de família com mulheres são “limitações” ou “prisões”. Além disso, há “culpabilização da mulher pela exacerbação da libido masculina” e desconfiança diante daquelas que ingerem bebidas alcoólicas e se expõem nas redes sociais, por exemplo (idem).

A seguir, detalharemos quatro dos principais grupos discursivos da machosfera supracitados (*incels*, *redpills*, MGTOW e PUAs), por meio da revisão bibliográfica acerca de sua produção simbólica, suas categorias retóricas e seus modos específicos de subjetivação. O objetivo não é esgotar o universo de sentidos desses grupos, mas evidenciar como cada um deles contribui, à sua maneira, para a manutenção de um imaginário de dominação masculina, que se atualiza e se intensifica no ambiente digital.

Incels e o ressentimento como identidade

A expressão *incel*, derivada da junção dos termos em inglês para “celibatário involuntário”, foi criada em 1997 por uma estudante canadense queer em seu blog *Alana’s Involuntary Celibacy Project*. Inicialmente, a proposta era criar um espaço de acolhimento para pessoas que se sentiam solitárias e enfrentavam dificuldades em estabelecer vínculos afetivos. Com o tempo, no entanto, o termo passou a designar comunidades formadas majoritariamente por homens heterossexuais que atribuem a rejeição por parte das mulheres a fatores como a aparência física e a transformações sociais promovidas por movimentos de emancipação feminina (Wilson *et al.*, 2022).

Nos fóruns *incels* de língua inglesa, mulheres desejadas e sexualmente ativas são frequentemente chamadas de Stacys: jovens consideradas atraentes, populares e com múltiplos parceiros. A essas figuras é atribuída a culpa pela solidão e rejeição vivenciadas pelos *incels*. Segundo essa lógica,

essas mulheres prefeririam homens considerados fisicamente desejáveis, os chamados Chads, enquanto desprezariam os “bons homens” como eles próprios (Menzie, 2020).

O discurso *incel* constrói, assim, uma lógica de mercado sexual meritocrático, na qual a recusa feminina é percebida como uma injustiça, uma falha moral, que atenta contra um suposto direito masculino ao sexo (Ging, 2019; Wilson *et al.*, 2022). A comunidade se estrutura discursivamente por meio de fóruns, glossários, vídeos e memes que reforçam um imaginário violento e paranoico, que consolida um regime de verdade (Foucault, 1979), no qual experiências individuais de rejeição são rearticuladas como evidência de uma estrutura social supostamente distorcida pelo avanço do feminismo.

Como apontam Ging (2019) e Ávila Bravo-Villasante (2024), o enunciado *incel* se ancora em uma combinação de pseudociência evolutiva, estatísticas enviesadas e vocabulário hipercodificado, que funciona como marcador de pertencimento. Termos como *blackpill* (a crença fatalista de que homens feios estão condenados à solidão), *looksmaxxing* (técnicas para melhorar a aparência a qualquer custo) e *rope* (referência ao suicídio) aparecem com frequência, muitas vezes em tom de humor mórbido (Wilson *et al.*, 2022).

A dimensão material desses discursos torna-se evidente em episódios amplamente repercutidos na mídia, nos quais sujeitos identificados com a ideologia *incel* protagonizam atos de violência extrema. Em 2014, Elliot Rodger, nos Estados Unidos, assassinou seis pessoas e deixou um manifesto no qual articulava explicitamente sua frustração sexual e seu ódio às mulheres, a quem responsabilizava por sua exclusão afetiva. Já em 2018, em Toronto, Alek Minassian matou dez pessoas ao atropelar pedestres com uma van, declarando, em publicação prévia nas redes sociais, adesão à chamada “rebelião *incel*”. Ambos os casos passaram a ser celebrados em fóruns online, onde seus autores são frequentemente retratados como mártires (Wilson *et al.*, 2022; Bravo-Villasante, 2024).

No Brasil, embora ainda pouco investigada de forma sistemática, a circulação de fóruns *incel* em língua portuguesa e a tradução de materiais estrangeiros indicam o enraizamento dessa retórica também no contexto nacional. Um exemplo frequentemente mobilizado na literatura é o atentado ocorrido em 2011, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, no qual Wellington Menezes de Oliveira assassinou 12 estudantes em uma escola pública. Ainda que anterior à consolidação das comunidades *incel* em sua forma atual, o caso, analisado por Bravo-Villasante (2024), já evidenciava elementos que

posteriormente se tornariam centrais nesses discursos, como a misoginia, o ressentimento afetivo e a construção de narrativas de exclusão associadas ao feminino.

Esses episódios não apenas evidenciam a circulação e a radicalização desses discursos em ambientes digitais, como também revelam a existência de uma gramática comum que transforma frustração afetivo-sexual em justificativa para a violência. Nesse contexto, o ressentimento deixa de operar apenas como afeto individual e passa a constituir-se como elemento estruturante de uma racionalidade coletiva, capaz de legitimar práticas concretas de violência de gênero.

Os discursos *incels* operam por meio de pelo menos três estratégias principais. A primeira é a construção de uma identidade coletiva calcada na dor masculina, em que experiências de rejeição e solidão são compartilhadas como traços de pertencimento e identificação com seus pares, servindo como base para uma de politização desse sofrimento (Ging, 2019). A segunda consiste na culpabilização sistemática das mulheres por essa realidade, atribuindo-lhes a responsabilidade pelas frustrações afetivo-sexuais do grupo (Wilson *et al.*, 2022). A terceira é a erotização da violência como forma de retaliação, muitas vezes manifestada em linguagem de humor mórbido e fantasias vingativas que flertam com o desejo de aniquilação (Bravo-Villasante, 2024).

A análise desses discursos permite compreender como a rejeição e a solidão, quando politicamente instrumentalizadas se convertem em narrativas de ódio e constroem uma ética de reafirmação e pertencimento entre aqueles que compartilham dessa realidade. Nesse processo, o ressentimento coletivo performa uma masculinidade ferida ao mesmo tempo em que reforça as estruturas simbólicas da dominação patriarcal (Ging, 2019; Vilaça, 2024).

Redpill e o “despertar” antifeminista

Inspirado no filme *Matrix* (1999), o termo *redpill* designa um suposto “despertar” para a verdade sobre as relações de gênero, em oposição à “ilusão” promovida pelo feminismo e pela cultura progressista. Ao tomar a pílula vermelha, o homem descobriria a “realidade” de que as mulheres são hipergâmicas, manipuladoras e movidas por interesses sexuais e materiais, e que, portanto, é preciso se proteger delas e recuperar sua autoridade.

O discurso *redpill* caracteriza-se por uma aparência de suposta racionalidade. São comuns os vídeos explicativos, gráficos, uso de jargões

pseudocientíficos e analogias com lógica de mercado (Ging, 2019). O tom professoral mascara uma retórica misógina, que deslegitima denúncias de violência de gênero, ridiculariza movimentos de emancipação feminina e transforma a figura da mulher em ameaça permanente (Bravo-Villasante, 2024; Ging, 2019). Dessa maneira, trata-se de uma forma de violência simbólica (Bourdieu, 2002) que naturaliza hierarquias de gênero ao revesti-las de objetividade e neutralidade, dificultando sua contestação.

Diferente dos *incels*, os *redpills* não se veem como vítimas, mas como intelectuais e estrategistas. Eles oferecem manuais de comportamento, “leis” sobre a natureza feminina e fórmulas para manter o controle nas relações heterossexuais. Trata-se de um discurso que oscila entre o ressentimento e o autoritarismo, fundado na ideia de que os homens precisam “retomar o seu lugar” e garantir a “restauração da ordem natural”. Como observa Medeiros (2021, p. 74), “a retórica redpill flutua entre uma nostalgia ressentida da ordem patriarcal e a defesa explícita de um retorno à dominação masculina, muitas vezes expressa em termos de ‘restauração da ordem natural’”.

Murari (2022, p. 7) também destaca que esses discursos propõem formas de intervenção voltadas à “recuperação do papel do homem na sociedade, supostamente perdido com o avanço do feminismo e da igualdade de gênero”. Esse tipo de conteúdo se apresenta como “aconselhamento amoroso” ou “desenvolvimento pessoal”, mas naturaliza práticas de controle, silenciamento e desqualificação da autonomia feminina. Oferece, portanto, uma identidade masculina “restaurada”, ancorada na rejeição ao feminismo e na reafirmação da dominação como um direito natural.

MGTOW: o isolamento como retaliação

A sigla MGTOW (*Men Going Their Own Way*, ou “homens seguindo seu próprio caminho”, em livre tradução) refere-se a uma comunidade digital composta por homens que defendem o afastamento voluntário de relações afetivas e institucionais com mulheres, como casamento e convivência conjugal, sob a justificativa de autoproteção frente a um sistema percebido como desfavorável aos homens. O discurso MGTOW é marcado por uma lógica de ressentimento, agressividade e desprezo pelas mulheres. Trata-se de uma masculinidade que se diz desapegada, mas que permanece discursivamente amarrada à figura da mulher como ameaça onipresente (Ging, 2019).

A noção de masculinidade MGTOW se constrói a partir da ausência, do homem que não precisa de ninguém, mas que produz e consome conteúdo para reafirmar essa escolha por uma suposta independência. O discurso do isolamento, nesse caso, não elimina a relação com o outro, mas a transforma em campo de guerra simbólica. Nesse sentido, o grupo compartilha um vocabulário próprio, marcado por expressões como *no-fault divorce* (divórcio sem culpa), *false rape accusations* (acusações falsas de estupro), *alimony trap* (armadilha da pensão alimentícia) e *male disposability* (descartabilidade masculina). Esses termos são recorrentes nos conteúdos MGTOW e integram uma retórica do medo jurídico e do colapso das normas “naturais”, que é mobilizada para justificar o afastamento completo das mulheres. Nesse discurso, as mesmas são frequentemente retratadas como fontes de caos emocional, financeiro e sexual, e a retirada do convívio afetivo passa a ser apresentada como forma de autopreservação (Ging, 2019).

No contexto brasileiro, embora o termo MGTOW não seja amplamente conhecido, a lógica discursiva atribuída a esse segmento aparece em vídeos virais e postagens que alertam homens a “fugirem de relacionamentos” e a “não confiarem em mulheres modernas. Há também uma crescente circulação de conteúdos que promovem o celibato masculino como forma de resistência simbólica, geralmente alinhados a um moralismo conservador e a ataques ao feminismo (Bravo-Villasante, 2024).

PUAs e a pedagogia da dominação

Os *Pick Up Artists* (PUAs), ou “artistas da conquista” em livre tradução, compõem um grupo que se propõe ensinar homens a conquistar mulheres por meio de técnicas específicas, baseadas em psicologia evolutiva, linguagem corporal e manipulação emocional. Esses tutoriais, vendidos como autoajuda ou sedução estratégica, tratam o desejo feminino como previsível e controlável e a mulher como um alvo a ser vencido (ou abatido). A lógica discursiva dos PUAs parte da ideia de que os homens perderam sua capacidade de sedução natural devido à “feminização” da sociedade e que é preciso reconquistá-la com método, treino e desapego. Em muitos casos, o sucesso é medido pela quantidade de mulheres “pegas” e não pela qualidade das relações. A performance do predador sedutor é exaltada como símbolo da masculinidade restaurada.

A dimensão prática desses discursos manifesta-se na oferta de cursos, workshops e conteúdos digitais voltados ao ensino de técnicas de sedução. Um exemplo emblemático foi o caso do instrutor norte-americano Julien Blanc, cujas práticas incluíam estratégias de coerção e manipulação emocional, sendo banido de diversos países após denúncias de promoção de violência contra mulheres. Esse episódio evidencia como tais práticas extrapolam o ambiente virtual e se articulam a formas contemporâneas de violência de gênero.

Autoras como Horeck (2020) e Ávila Bravo-Villasante (2024) evidenciam como esse tipo de conteúdo contribui para a normalização de práticas abusivas, como o *negging* (ofender para desestabilizar), o *freeze-out* (ignorar para manipular) e o uso de álcool como facilitador. No Brasil, os PUAs conquistaram espaço principalmente no *YouTube* e em cursos pagos de sedução, onde vendem a promessa de “empoderamento masculino” ancorada em uma retórica instrumentalizadora da subjetividade feminina (Murari, 2022). Como aponta Bravo-Villasante (2024), a lógica de dominação e manipulação presente nesses discursos dialoga com formas contemporâneas de violência digital. Em alguns casos, a retórica PUA serve de base para práticas de chantagem com imagens íntimas e dinâmicas de controle.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procuramos evidenciar como a machosfera constitui um ecossistema midiático marcado pela multimidialidade discursiva e pelo acionamento do ressentimento masculino, da reação antifeminista e da naturalização de hierarquias de gênero. A análise dos estudos dedicados a grupos como *incels*, *redpills*, MGTOW e PUAs evidencia que essas comunidades não atuam de forma isolada, mas estabelecem conexões simbólicas e discursivas que contribuem para a circulação e a legitimação de visões misóginas sobre as relações entre homens e mulheres.

Ao se apropriarem de linguagens, recursos multimodais e funcionalidades próprias das plataformas digitais, essas comunidades transformam experiências pessoais em narrativas coletivas de perda, vitimização e reação às conquistas feministas. Nesse processo, categorias como masculinidade, poder e violência são continuamente resignificadas, produzindo formas de pertencimento que reforçam identidades coletivas e naturalizam desigualdades de gênero.

Os estudos também demonstram que a heterogeneidade da machosfera não impede a existência de um conjunto relativamente estável de elementos compartilhados, entre eles a centralidade do ressentimento masculino, a construção das mulheres como responsáveis pelas frustrações dos homens, a defesa da restauração de uma ordem patriarcal idealizada e a circulação de discursos apresentados como científicos, pedagógicos ou meramente humorísticos para conferir legitimidade a práticas discriminatórias. Tais características reforçam a compreensão da machosfera não apenas como um conjunto de comunidades digitais, mas como um ecossistema discursivo marcado pela circulação de repertórios comuns e por estratégias recorrentes de produção de sentido.

Por fim, esta revisão evidencia a consolidação da machosfera como um campo emergente de pesquisa, particularmente nos estudos de Comunicação, Gênero e Cultura Digital. Ao sistematizar contribuições nacionais e internacionais, o artigo busca oferecer um panorama das principais abordagens utilizadas para compreender esse fenômeno e contribuir para o avanço das pesquisas sobre masculinismos digitais e violência de gênero em ambientes online. Espera-se que estudos futuros ampliem esse debate por meio de investigações empíricas voltadas às práticas comunicacionais dessas comunidades, às dinâmicas algorítmicas que favorecem sua circulação e aos impactos desses discursos sobre diferentes grupos sociais.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAVO-VILLASANTE, Á. Las violencias del discurso *incel*: masculinidad, resentimiento y consumo mediático. In: **Conexões Científicas Multidisciplinares E Interdisciplinares**, 5., 2024. Anais [...]. São Paulo: Realize Editora, 2024. p. 69-77. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103559>. Acesso em: 30 maio 2025.

BRAVO-VILLASANTE, Ávila. **Misoginia viral: discursos incels e novas formas de violência de gênero**. Madri: Editorial Morata, 2024.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu, 2021.

FALUDI, Susan. **Backlash: the undeclared war against American women**. New York: Crown Publishers, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

_____. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

G1. **Machosfera: levantamento inédito revela explosão da violência de gênero entre adolescentes**. Globo Repórter, 13 jul. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

GING, Debbie. **Alphas, Betas, and Incels: theorizing the masculinities of the manosphere. Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, 2019. p. 638-657. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X17706401>. Acesso em: 30 maio 2025.

HORECK, Tanya. **Toxic masculinity, online misogyny, and the manosphere: Gender resistance in post-#MeToo media cultures**. *Feminist Media Studies*, v. 20, n. 6, 2020. p. 1-5.

KIMMEL, Michael. **Angry white men: American masculinity at the end of an era**. New York: Nation Books, 2013.

MARWICK, Alice E.; CAPLAN, Robyn. **Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment**. *Feminist Media Studies*, v. 18, n. 4, 2018. p. 543-559. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1450568>. Acesso em: 30 maio 2025.

MATOS, Eurico; PESTANA, Matheu; SANCHES, Danielle; CORDEIRO, Maria. **Misoginia na rede vizinha: uma análise multimodal de discursos masculinistas no TikTok brasileiro**. *Revista FAMECOS*, e47749, 2026.

MATRIX. Direção: Lana Wachowski; Lilly Wachowski. EUA: Warner Bros., 1999.

MEDEIROS, Luiz Eduardo. **O antifeminismo como identidade política: masculinidades reativas e redes digitais**. In: BEZERRA, Luciana; PEREIRA, Lorena (Orgs.). *Conservadorismos em rede: política, religião e gênero no Brasil contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 71-94.

MENZIE, L. **Stacys, Beckys, and Chads: the construction of femininity and hegemonic masculinity within incel rhetoric**. *Psychology & Sexuality*, v. 13, n. 1, 2020. p. 69-85. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1806915>. Acesso em: 30 maio 2025.

MURARI, Fernanda. **Homens em crise e política de gênero na internet: entre a "red pill" e o voto conservador**. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 2, 2022. p. 1-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n272809>. Acesso em: 30 maio 2025.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right**. Winchester: Zero Books, 2017.

OLIVEIRA, Rosane Cristina de; SILVA, Renato da. **Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais**. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 27, n. 81, supl., 2021. p. 1609-1625.

PRADO, Marjorie. **Masculinidades em disputa: a reação antifeminista e seus públicos na internet brasileira**. In: SIMÕES, Júlio *et al.* (Orgs.). *Masculinidades em debate*. São Paulo: Boitempo, 2022.

RICARD, Julie; CUGLER DE MORAES SILVA, Ergon; AQUINO ALVES, Marcelo; IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicinio; ROCHA, Gabriel; VITÓRIA, Sérgio; NOGUEIRA BITTAR CELESTINO, Gabriel. **A machosfera é política: construção ideológica e ataques a políticas de gênero**. Zenodo, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19197715>. Acesso em: 13 jul. 2026.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima; CHACAM, Alessandra Sampaio. **De "merdalheres" a "conservadias": o discurso de ódio masculinista**. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 31, n. 1, 2024.

TEAM LEWIS FOUNDATION. **International Women's Day Report 2025: A Fair World for All Women and Girls**. [S.l.]: Team Lewis Foundation, 2025. Em apoio ao movimento HeForShe, da ONU Mulheres. Disponível em: <https://www.teamlewis.com/impact/international-womens-day-report-2025/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

VALENTE, Mariana Giorgetti; MARTINS, Fernanda K.; TAVARES, Clarice; VILELA, Catharina. **A research project to combat gender-based hate speech against women in Brazil and India: final report**. São Paulo: InternetLab, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10625/62006>. Acesso em: 13 jul. 2026.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. **Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas**. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2021. p. 410-440.

VILAÇA, Tiago. A retórica do ressentimento: masculinidades feridas e violência de gênero nas redes. **Revista Comunicação & Sociedade**, v. 45, 2024. p. 1-18. No prelo.

WILSON, Logan; HERBEL, Bryon; STROM, Michael. Involuntary Celibacy: **A Review of Incel Ideology and Risks of Violence**. Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law, 2022. p. 1-11. Disponível em: <https://jaapl.org/content/jaapl/early/2022/07/26/JAAPL.210136-21.full.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

Recebido em: 26/03/2026

Aceito em: 16/07/2026